

**A busca da autodefinição como força narrativa em  
*Memórias do cárcere***

Márcio Fonseca Pereira\*

**RESUMO**

O presente ensaio tem por objetivo mostrar como a autobiografia *Memórias do cárcere* é profundamente marcada pelo desafio que Graciliano Ramos se impõe de compreensão de seu papel como intelectual brasileiro de seu tempo. A análise visa mostrar como a narrativa de sua relação com os demais presos tem sempre sua atividade como aspecto mediador, resultando numa forma textual que revela as contradições do próprio escritor, bem como de parte da intelectualidade brasileira de então.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Intelectual; Contradições

**ABSTRACT**

This essay aims at analyzing how the autobiography *Memórias do cárcere* (*Memoirs of prison*) is deeply marked by the challenge of Graciliano Ramos's understanding his role as a Brazilian intellectual of his time. The analysis intends to show how the narrative of his relationship with the other prisoners always has his writing activity as a comparative aspect, which results in a textual form that reveals the contradictions of the very writer, as well as of part of the Brazilian intellectuals at the time.

**KEYWORDS:** Memory; Intellectual; Contradictions

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Rio de Janeiro, Brasil.  
[marcioprainha@ig.com.br](mailto:marcioprainha@ig.com.br)

## Introdução

A fortuna crítica sobre as *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, tem tido, de um modo geral, o ponto central de seu argumento na consideração da obra como testemunho sóbrio e profundo sobre o arbítrio da ditadura Vargas e da realidade brasileira às vésperas do Estado Novo. Ressalta-se nesse sentido não só a capacidade do escritor em dar forma literária aos mais sombrios acontecimentos de sua vivência no cárcere – por meio dos quais é capaz de restituir algo da dignidade aviltada de seus companheiros – como também o seu interesse pelo exame obsessivo e até impiedoso de si mesmo, criando uma narrativa capaz de manter sua força com o passar do tempo.

Antonio Candido, cujo estudo *Ficção e confissão* se tornou imediatamente um clássico para os interessados pelas obras do escritor alagoano, foi quem formou a base desse argumento que se mantém um bom parâmetro passadas seis décadas da publicação póstuma da autobiografia. Para ele, Graciliano foi capaz de criar uma forma literária adequada à sua luta física e mental pela sobrevivência na prisão. Esta se expressa por meio das componentes opostas de caos (da realidade atordoante e inverossímil a cada momento da prisão) e equilíbrio (representado pela busca incessante de racionalização dos acontecimentos assim como pelo estilo claro, sóbrio, da prosa registrada). Ainda, segundo o crítico, o escritor foi capaz de superar suas contingências pessoais, mostrando-se de forma aberta, em suas contradições e preconceitos como nunca antes em sua obra, o que mostra o quanto de superação pessoal e intelectual Graciliano teve de se impor devido à opção pela autobiografia.

De fato, a mudança de gênero já havia ocorrido em *Infância* (1945), autobiografia em que a distância temporal dos eventos narrados solicitara do escritor uma reconstrução aos moldes romanescos, porém o que ocorre nas *Memórias* assume decididamente um caráter distinto. O desejo de Graciliano em não romancear o relato visto e não considerar a cadeia “um brinquito literário” (RAMOS, 2008, p. 575) aparece mais fortemente na forma direta, incisiva da narrativa. No entanto, isso não o impede de explorar a consciência do Graciliano-personagem numa tentativa de dar forma, no presente, à sua angústia de então. Esse recurso, eficaz na reconstrução do sentido profundo de sua experiência, ao se cruzar frequentemente com o simples depoimento, além de atribuir certa heterodoxia à construção do texto memorialístico, dá notícia da evolução da consciência histórica e social de Graciliano, em grande medida

voltada para o papel do escritor no papel do escritor na sociedade brasileira de sua época.

Nosso objetivo neste breve ensaio é, partindo do ponto de vista de Antonio Candido, promover um alargamento da discussão sobre o caráter do relato, mostrando como a mencionada força do testemunho tem como uma de suas bases principais uma discussão sobre a condição de intelectual de Graciliano na sociedade brasileira da época, aspecto pouco explorado pela crítica literária no que respeita ao texto das *Memórias*.

## 1 O escritor e os companheiros de prisão

A consciência da relevância política das *Memórias* é algo percebido não em sua afirmação direta, uma vez que Graciliano em momento algum se autodenomina portavoz de todos os que com ele viveram dias de agrura. Entretanto, deve-se notar que a narrativa busca com frequência um termo comparativo entre o escritor e homens dos mais variados tipos sociais, o que traz consequências importantes para a forma do relato. Diante da questão de como expor essas personalidades, o autor revela logo de início o tamanho de seus escrúpulos:

Há entre eles homens de várias classes, das profissões mais diversas, muito altas e muito baixas, apertados nelas como estojos. Procurei observá-los onde se acham, nessas bainhas em que a sociedade os prendeu. A limitação impediu embaraços e atritos, levou-me a compreendê-los, senti-los, estimá-los, não arriscar julgamentos precipitados. E quando isto não foi possível, às vezes me acusei. Ser-me-ia desagradável ofender alguém com esta exumação. Não ofenderei, suponho. E, refletindo, digo a mim mesmo que, se isto acontecer, não experimentarei o desagrado. Estou a descer para a cova, este novelo de casos em muitos pontos vai emaranhar-se, escrevo com lentidão – e provavelmente isto será publicação póstuma, como convém a um livro de memórias (RAMOS, 2008, p.13).

A proposta, como se vê, é a de entender os indivíduos fora das categorias (*estojos*) impostas pela sociedade, pela ótica de quem compreende bem o que é a convivência em situação-limite. Além disso, a intenção de ter a obra publicada postumamente (o que realmente acabou ocorrendo com a morte precoce do autor) ajuda a afastar, de certo modo, o intuito de autoglorificação que poderia ajudá-lo enquanto

escritor vivo. Longe de concluirmos, porém, que as afirmações valham por si mesmas, vejamos em breve análise como elas se confirmam ao longo do texto das *Memórias*.

## 2 Graciliano e sua relação com os homens cultos e politizados

Ao tratar de seu relacionamento com os homens cultos e os *políticos* no cárcere, Graciliano abre importante discussão sobre a condição do intelectual brasileiro de seu tempo. Nesta comparação, o escritor mostra a instabilidade própria de suas crenças enquanto homem ligado à cultura, permitindo-nos avaliar o modo como ele próprio se insere nessa problemática.

O primeiro episódio em que vemos o mal-estar proveniente da comparação desfavorável ocorre no encontro com o russo Rafael Kamprad (conhecido ali como Sérgio), cuja formação cultural europeia amedronta nosso escritor. O curioso personagem chega à cela onde se encontram Graciliano e outros dois presos. Estes já estão à espera de Kamprad, que irá ministrar uma aula de matemática. O contraste estabelecido já com as primeiras impressões revela um Graciliano-personagem reduzido, uma das marcas frequentes na comparação com o russo:

Encolhido e jovem, o visitante devia ser o aluno. Enganei-me: era o professor. Acomodou-se em frente de Adolfo Barbosa, pôs-se a falar vagaroso e abundante, a voz áspera, baixa, pronúncia exótica cheia de fortes aspirações. Usando língua estranha, não se detinha: deturpava as palavras, mas achava-as com singular facilidade. Aquilo não tinha jeito de lição: assistíamos a uma conferência inacessível a mim. Enquanto ela durou, Adolfo permaneceu mudo. Anulei-me, experimentei pouco mais ou menos o vexame dos analfabetos diante de papel escrito. Quem seria o monstro familiar à teoria da relatividade, aos horrores onde a minha escassa inteligência naufraga? (RAMOS, 2008, p.191)

Diante de uma inteligência capaz de alto nível de abstração, o alagoano – sempre preso à representação da realidade cotidiana, mais ou menos diretamente observável, de onde captava em nível profundo a realidade brasileira – recua com espanto. Termos como “monstro” e “horrores” ao se referir respectivamente a Sérgio e à ciência estabelecem razoável distância, inclusive sendo atualizada para o presente da escrita, momento em que, diante de tudo aquilo, sua inteligência *ainda* “naufraga”.

Após o “naufrágio” segue-se a tentativa de “fuga” do escritor, que acaba vislumbrando conforto na “amenidade” nacional. Diante do susto inicial com a

inteligência europeia, a convivência com a sem-cerimônia do rústico João Romariz lhe parece um refúgio possível:

Despedi-me, carregando a bagagem crescida: a maleta, a calça e o paletó, os livros; busquei refúgio noutra cubículo, onde um sujeito de pijama vermelho se ocupava em devorar uma penca de bananas, respirei com alívio nessa companhia. João Romariz. Bem. Conversando com ele, sentia-me à vontade. Era uma nacional de fala dormente, alheio às ideias abstratas. E decidi afastar-me cuidadoso de Sérgio, bruxo amigo de Einstein e do infinito: a presença dele seria um alfinete para minha ignorância. Firmava-me nesse propósito, divagava singelamente com Romariz, e ao cabo de minutos surgiu o perigo, inevitável. O matemático deslizou para nós como sombra, sentou-se junto a mim, envolveu-me na sua delicadeza fria. E entorpeceu-me a prevenção. Agora adotava linguagem natural e cristã, a aspereza gutural da prosódia ia-se pouco a pouco adoçando (RAMOS, 2008, p.191).

É interessante aqui o significado assumido pelo termo “bagagem”. Ironizando sua própria ignorância do que imagina excessivamente abstrato (o estudo do “infinito”), o escritor se refere a uma ampliação da bagagem cultural (“bagagem crescida”), dando ao termo também (e talvez não intencionalmente) um sentido de coisa difícil de carregar como, por exemplo, o peso de uma derrota diante de um intelecto considerado mais capaz.

O medo da convivência humilhante com o “saber forte daquele homem doutorado em Leipzig, íntimo de Einstein e Hegel” (RAMOS, 2008, p.210), contudo, não impede o personagem de chegar a um posicionamento crítico, ainda que problemático, diante daquela situação que o perturbava.

Após mencionar algumas de suas observações jocosas feitas à origem meio caucasiana e à pronúncia do português de Kamprad, o que dá a medida de certa proximidade àquela altura já permitida pelo russo, Graciliano introduz o assunto das letras nacionais, em que sua posição vai assumindo um caráter mais centrado e o espanto inicial em relação ao russo se reduz temporariamente:

O que entrava ali ficava, não repetia perguntas. Fez uma síntese da filosofia de Hegel, num caderno, a lápis, o começo em alemão, o fim em português. Leu-me esse trabalho, emperrando às vezes, buscando a expressão, convencendo-se de que o pensamento era intraduzível e usando circunlóquios. Esforçava-se por trasladar versos de Puchkine, desistia:

- É inútil. Só podemos sentir e compreender esta balada em russo.

Não simulava nenhuma espécie de consideração às nossas letras, pouco mais ou menos inexistentes. Falava-me com franqueza e isto não me suscetibilizava, é claro: o meu novo amigo vinha de grandes culturas, não iria fingir apreço às miudezas nacionais. Um dia, como ele desacatasse rijo os sonetos, nada mais enxergando na poesia brasileira, interrompi-o:

-Vou recitar-lhe um soneto, Sérgio.

E atirei-lhe “O sorriso” de Manuel Bandeira. Sérgio ouviu-me atento, murmurou com espanto:

- Oh! Vocês aqui têm disso?

E noutro tom:

- Ainda não conheço o Brasil. Leviandade manifestar-me sobre ele. (RAMOS, 2008, p.211).

Vemos que o tom da narrativa aqui já é outro. O elogio ao conhecimento filosófico de Kamprad é mais comedido, o que não é de surpreender, pois em seguida vem a crítica à atitude do russo, que se espraia sem conhecimento de causa pelo assunto caro ao escritor. Com isso, estabelece-se um embate entre posicionamentos político-intelectuais. De um lado, certo orgulho por uma cultura literária internacionalmente consagrada, a qual dispensa apresentações e permite a seu “representante” uma atitude de soberba; do outro, a posição de uma cultura literalmente desconhecida que precisa afirmar seu valor (seja ele grande ou não) sob pena de ser mantida sempre em descrédito.

Naturalmente, não há pieguice no relato, mas fica claro que o recurso à poesia de Bandeira corresponde à defesa da posição de escritor nacional, conscientemente ocupada por Graciliano. Mesmo quando o alagoano ataca sua própria literatura (aqui não é o caso, mas ao longo das *Memórias* tal procedimento se repete) evidentemente não significa a sua invalidação estética (e muito menos política), por mais que ele insista na sua precariedade artística. Portanto, se Graciliano não chega a pavonear-se na condição de defensor da literatura nacional, não deixa também de ressaltar o que nela considera esteticamente importante.

Logo após a passagem acima, Graciliano recupera um episódio ocorrido fora da sequência temporal imediata, estabelecendo objetivamente certo padrão de organização textual em que se alternam a surpresa e a crítica, mostrando como seu comportamento evoluía dentro de um posicionamento cada vez mais crítico perante o estrangeiro (sem, contudo, deixar de lado traços do sentimento de inferioridade). No trecho, o escritor retoma o ar de surpresa com que presenciou certa vez o russo lendo *São Bernardo*:

A percepção, a compreensão e a memória do rapaz me assombravam. Uma vez encontrei-o agarrado ao meu segundo romance. Virou a folha, avizinhei-me, entrei a rever pedaços da minha terra. Ia chegando ao fim da página esquerda, e o moço voltou a folha de novo.

- Não é possível que você tenha lido essas duas páginas, afirmei.
- Por quê?
- O autor dessas drogas sou eu, e li apenas uma. É absurdo que você, estrangeiro, chegado há pouco, mal conhecendo a nossa fala e as nossas coisas, tenha conseguido pegar as duas...

E reproduziu as duas páginas, com ligeiras alterações.

- Incrível! Exclamei atordoado, largando o volume. Sou na verdade uma criatura bem estúpida. Ou então você é um monstro (RAMOS, 2008, p.211-212).

Novamente o espanto retorna à atitude do personagem, inclusive com certa admiração, mostrando o caráter oscilante de sua postura frente ao russo. Em seguida, diante da explicação de Kamprad sobre a facilidade de se captar o essencial de um texto em detrimento do detalhe, Graciliano relata nova oposição ao russo, mais uma vez, a partir da posição de escritor. Desta vez, baseia o argumento ainda com maior intensidade no presente, partindo da própria experiência literária:

Afirmava não ser difícil percorrermos o texto, apreendendo a essência e largando o pormenor. Isso me desagradava. São as minúcias que me prendem, fixo-me nelas, utilizo insignificâncias na demorada construção de minhas histórias. Aquele entendimento rápido, afeito a saltos vertiginosos e complicadas viagens, contrastava com as minhas pequeninas habilidades que pezunhavam longas horas na redação de um período. Julguei Sérgio isento de emoção, e isto me aterrou. Comovo-me em excesso, por natureza, e por ofício, acho medonho alguém viver sem paixões. Imaginei-me diante de um cérebro, cérebro enorme. O resto do corpo minguava, tinha fracas exigências, funcionava para levar um pouco de sangue à poderosa máquina (RAMOS, 2008, p.212).

Aqui a fragilidade diante do raciocínio veloz e eficaz se reverte em crítica ao racionalismo excessivo. A partir da sensação de inferioridade do Graciliano-personagem o escritor reafirma modestamente na atualidade da escrita o compromisso com a criação literária como o ponto de resistência à frieza racional (“Comovo-me em excesso, por natureza, e por ofício, acho medonho alguém viver sem paixões”) sem se iludir quanto ao raio de ação da literatura, naturalmente um frágil brilho em contraposição às condições materiais de existência. Por essa razão, a força do retrato que o escritor compõe do russo sempre se mantém de pé em contraposição ao seu autorretrato,

composto de minúcias apanhadas aqui e ali, as quais, somente em seu conjunto, podem revelar a medida exata de seu vigor.

Na relação com outro homem culto, Rodolfo Ghioldi, secretário do Partido Comunista Argentino, vemos Graciliano também sentir-se inferiorizado, questionando suas possibilidades comunicativas (segundo ele próprio restritas ao papel), abrindo discussão relacionada à fala e à escrita enquanto meios de intervenção política.

Assim como na relação com o russo Kamprad, o primeiro contato é relatado sob a perspectiva do assombro devido ao fato de o escritor se sentir inferiorizado perante uma capacidade considerada superior à sua. Coincidentemente, a primeira vez que vê Ghioldi, este, assim como o russo (que ministrava uma aula de física), desenvolve uma atividade dirigida ao público, no caso, uma conferência sobre a política sul-americana no pavimento inferior do Pavilhão dos Primários (chamado de Praça Vermelha):

Rodolfo Ghioldi subiu alguns degraus. Tinha de pano em cima do corpo uma cueca e um lenço. Começou a falar em espanhol, de quando em quando lançando os olhos a um cartão de cinco centímetros, onde fizera o esquema da palestra. Referiu-se à política sul-americana, e logo no princípio tomei-me de verdadeiro espanto: nunca ouvira ninguém expressar-se com tanta facilidade. Enérgico e sereno, dominava perfeitamente o assunto, as palavras fluíam sem descontinuar, singelas e precisas. Admiravam-me a rapidez do pensamento e a elegância da frase. Curvado sobre o papel, a suar na composição, emendando, ampliando, não me seria possível construir aquilo (RAMOS, 2008, p.195).

Aqui – além do reconhecimento implícito da própria inferioridade na comunicação oral – se destaca em última instância a busca de naturalidade na escrita. A superioridade de Ghioldi na linguagem falada resvala também para uma interessante comparação entre formas distintas de expressão. A menção à fluência e à precisão da linguagem do argentino acaba por ressaltar certo grau de frustração do escritor no perfeccionismo de sua própria atividade, reintroduzindo em alguma medida o sentido negativo de “bagagem crescida”, exposto na relação com Kamprad.

Graciliano, porém, mesmo sob forte impressão da atitude de Ghioldi, não deixou (já no cárcere) de abordar a questão da oralidade sob o aspecto inverso. Interessante aqui é o fato de tê-lo feito exatamente em conversa com o argentino, cujo discurso admirava e com quem teve de reparar um mal-entendido.



Numa mesma sequência, o escritor relata sua posição dupla frente ao discurso oral. No primeiro momento, a propósito de uma fala de Ghioldi, basicamente reforça a boa impressão da primeira vez que ouvira o argentino:

Entre um roque e um xeque fiz amizade com Rodolfo Ghioldi. Longamente lhe escutei a exposição clara, sem tentar aproximar-me dele. Mandaram-lhe a roupa tomada na polícia. No degrau de ferro, agora metido num pijama, discorria sobre a América do Sul, explicava os motivos da rebelião de 1935: muitos indivíduos que tinham figurado nela precisavam de esclarecimentos. Os guardas passavam, detinham-se. E a voz calma não se alterava, as ideias afluíam rápidas, o contexto me dava a impressão viva de prosa armada laboriosamente, no papel (RAMOS, 2008, p.224).

No segundo momento, quando há o primeiro contato efetivo entre os dois, a posição de Graciliano sobre a oralidade se mostra mais ampla:

Rodolfo se dirigiu a mim pela primeira vez, meio descontente. Soubera que eu o considerava bom orador e aborrecia-se:  
- Não faço discursos. Apenas converso.  
- É o diabo. Certas palavras se acanham imerecidamente, respondi. Gosto de dar a elas o sentido exato. Não julgo oradores os que declamam solecismos e lugares-comuns. Aqui no Brasil há uma birra como a sua: ninguém quer ser literato, não sei por quê. Eu me confesso literato, literato ordinário.  
Findo o equívoco, tornamo-nos amigos jogando xadrez (RAMOS, 2008, p.225).

A crítica se dirige claramente aos herdeiros da cultura bacharelesca do país. Nesse grupo tanto se incluem os oradores vazios e demagógicos como os escritores de literatura dessa mesma natureza, ou seja, de apologia do *status quo*. Graciliano procurou dar ao termo “literato” a mesma especificação positiva que ao termo “orador” com a intenção de livrá-los de um ranço histórico. Efetivamente, trata-se de uma *renomeação* que leva em conta um momento histórico distinto, no qual o romance de 30 se apresenta como força renovadora. Por essa razão, ao invés de desprezar o termo “literato”, ele se apresenta como um “literato ordinário”, expressão cuja parte negativa diz respeito somente à posição profundamente autocrítica sobre a própria obra.

Portanto, assim como na relação com o russo Kamprad, Graciliano narra de forma semelhante um processo gradativo da surpresa ao posicionamento crítico diante da nova realidade sem, com isso, deixar totalmente de lado o espanto inicial. No caso específico da relação com a oralidade de Rodolfo Ghioldi, o escritor a retoma sempre

em seu caráter exemplar. Com isso, a ligação entre oralidade e escrita aparece mencionada no texto, podendo ser interpretada como um traço positivo da nova literatura e valendo inclusive como explicação do projeto memorialístico de Graciliano Ramos.

### **3 Graciliano e os homens incultos**

A narrativa da relação entre o escritor e os demais homens não pertencentes ao grupo dos indivíduos cultos revela, em larga medida, uma tentativa de análise dos acontecimentos e de autoexame visando pôr em perspectiva os conflitos ideológicos que impossibilitavam uma aproximação efetiva entre os dois lados na dura convivência do cárcere.

Nessa busca, Graciliano acaba expondo tanto consciente quanto inconscientemente as muitas vezes insolúveis contradições do pensamento da intelectualidade brasileira de esquerda em seu desejo de compreensão e de identificação com as classes econômica e/ou culturalmente desfavorecidas.

Consciente da dificuldade que a tarefa impunha numa sociedade onde os grupos socioeconômicos sempre estiveram profundamente segregados, a escrita de Graciliano toma os contornos necessários à representação dessa dialética de aproximação/afastamento ao evitar incorrer no populismo – aspecto frequentemente criticado pelo escritor nos meios literários de sua época – ao mesmo tempo sem se eximir das críticas aos socialmente rebaixados diante de sua imobilidade.

No Pavilhão dos Primários, uma das primeiras participações do escritor no Coletivo (organismo interno dos presos políticos visando melhorar as condições de vida no cárcere) se dá numa votação em que se elegem propostas a serem adotadas pela organização.

É bastante representativo que o escritor tenha escolhido exatamente o seu embate com o estivador Desidério, deixando de parte as falas dos demais – alguns dos quais certamente contribuíram com suas ideias na eleição – bem como o próprio conteúdo discutido, ao qual faz alusão com termos genéricos como “propostas”, “projeto”, “proposições” etc. Esse recorte concentra toda a força na oposição homem culto x sujeito “rombo”, ultrapassando o mero caso individual e abrindo espaço para uma discussão que tende a jogar luz sobre a experiência brasileira.

Graciliano principia – com base na visão do momento da escrita – pela crítica ao indivíduo “bilioso” incapaz de reconhecer quem está do seu lado. Com isso, marca sua posição enquanto intelectual, sugerindo uma leve disponibilidade de estabelecer um diálogo com a outra parte, aspecto que, entretanto, permanece, por assim dizer “estacionado” no próprio nível da afirmação, mais acusatória do que propriamente conciliatória:

O estivador exibiu sem disfarce ódio seguro aos burgueses, graúdos e miúdos. Todos nós que usávamos gravata, fôssemos embora uns pobres-diabos, éramos para ele inimigos. Houve eleição no Coletivo, e lá nos introduziram, a ele e a mim (RAMOS, 2008, p.233).

No momento em que o Graciliano-personagem lança sua primeira proposta recebe imediatamente a recusa aberta do estivador: “- Besteira”. Ao narrar o espanto e a raiva com que se deparara com a situação inédita de ser contrariado por um indivíduo de classe social inferior, o escritor põe em perspectiva seus preconceitos e avança no argumento, chegando enfim a mencionar os locais frequentados por ele e por seus companheiros de profissão:

Naquele dia a ira velha, recalcada nos subterrâneos do espírito, veio à luz e sacudiu-me: desejei torcer o pescoço do insolente. Na surpresa, recusei o testemunho dos olhos e dos ouvidos. Ter-me-iam dito a palavra rude? Estaria a censurar-me o bugalho torto e imóvel, a desviar-se de mim, zombeteiro, superiormente fixo na parede, num ponto acima da minha cabeça? O rombo sujeito, carregador de sacos, não seria tão grosseiro com uma pessoa habituada a manejar livros. Devo ter pensado nas conveniências amáveis e tolas, nas perfídias gentis comuns na livraria e no jornal (RAMOS, 2008, p.233-234).

A crítica à própria atitude elitista (“O rombo sujeito... não seria tão grosseiro com uma pessoa habituada a manejar livros.”), que logo adiante nomeará de “escrúpulos vaidosos” (RAMOS, 2008, p.234), se espria em alguma medida para os de sua classe. “A livraria e o jornal” – dois dos principais pontos de encontro da intelectualidade da década de 30 – aparecem como lugares de “conveniências” e “perfídias” que o escritor frequentemente presenciava e das quais não chega a se isentar. Graciliano, portanto, não se apresenta como sujeito imune a um possível contágio do comportamento de seu grupo (escritores e articulistas) e inclusive o sugere como padrão inconsciente de referência para sua própria atitude (“Devo ter pensado nas conveniências amáveis...”).

A autocrítica segue ao narrar a derrota definitiva, quando Graciliano teve a quase totalidade de suas propostas rejeitadas tanto pelo estivador como pelos demais membros do Coletivo. Essa condição no calor da hora provoca no personagem uma reflexão de aspecto conservador – típica de quem julga a realidade tendenciosamente a partir de seu resultado histórico – o que lhe permite a confirmação de suas crenças:

As duas proposições finais obtiveram recusa unânime. Essa deplorável estreia varreu-me nuvens importunas: sempre me excedera em afirmações categóricas, mais ou menos vãs; achava agora uma base para elas. Evidentemente as pessoas não diferiam por se arrumarem numa ou noutra classe; a posição é que lhes dava aparência de inferioridade ou superioridade. Evidentemente. Mas evidentemente por quê? A observação antiga me dizia o contrário. Homem das brenhas, afeito a ver caboclos sujos... quase bichos, era arrastado involuntariamente a supor uma diversidade essencial entre eles e os patrões. O fato material se opunha à ideia – e isto me descontentava. Uma exceção rara... quebrava a monotonia desgraçada: o enxadeiro largava o eito, arranjava empréstimo, economizava indecente, curti a fome, embrenhava-se em furtos legais, chegava a proprietário e adquiria o pensamento e os modos do explorador; a miserável trouxa humana... resistente ao governo e à seca, ao vilipêndio, resolvia tomar vergonha, amarrar a cartucheira à cinta, sair roubando... matando como besta-fera. Essas discrepâncias facilmente se diluíam no marasmo: era como se os dois ladrões, o aceito e o réprobo, houvessem trazido ao mundo a condição inelutável: pequenas saliências no povo imóvel, taciturno, resignado. Naquele instante a aspereza do estivador me confirmava o juízo (RAMOS, 2008, p.234-235).

Como vemos, a luta do Graciliano-personagem para definir sua posição, o que ocorre por meio da conclusão obtida pela observação direta da fachada dos acontecimentos – ou seja, do resultado da exploração dos homens em sua terra – tem um caráter exemplar na medida em que reproduz o pensamento de boa parte da esquerda brasileira intelectualizada da época em sua relação de aproximação e afastamento das classes desfavorecidas.

#### **4 Graciliano e os criminosos**

Já na Colônia Correcional e por intermédio de Vanderlino, artesão que conhecera no Pavilhão dos Primários, Graciliano passa a ter contato com indivíduos cujas vidas se desenvolveram sempre às margens da lei. A proximidade permite ao escritor novas formas de relação, as quais, mantendo nitidamente o caráter investigativo

de interesse literário “buscaria sondar os pensamentos e sentimentos de um ladrão” (RAMOS, 2008 p.439), levam-no a tentar compreender os aspectos humanos que aproximam e distanciam figuras tão distintas como ele e os demais. A narrativa de seu primeiro encontro com Gaúcho, ladrão arrombador, traz claramente uma tentativa de percepção de aspectos que suplantem visões preconcebidas, sem, no entanto, se apressar em conclusões indevidas:

Tinha a aparência de uma ave de rapina. Estendeu-me a garra larga, acocorou-se junto à esteira, pôs-se a conversar naturalmente. Apertando-lhe a mão declarei ter muito prazer em conhecê-lo. Tinha. Não era apenas curiosidade. Finda a surpresa, confessei a mim mesmo que poderia tornar-me sem esforço amigo do ladrão. A firmeza, a ausência de hipocrisia, a coragem de afirmar, tudo revelava um caráter. Lembrava-me dos modos esquivos dos meus companheiros, da malícia estulta de João Rocha. Bem. Cortavam-me várias amarras, vidas estranhas iam patentear-se no formigueiro em rebuliço. Dos rápidos minutos desse encontro apenas resta o bom efeito causado pelo tipo anormal (RAMOS, 2008, p.425).

A descrição de Gaúcho, alternando aspectos animais e humanos, revela talvez não exatamente o real aspecto físico do ladrão, provavelmente percebido desse modo pelo impacto do primeiro encontro com um tipo que o autor afirmara ter “conhecido” apenas em ficção. A atitude de classe então se mistura com certo despojamento de quem não apenas se condiciona à nova realidade (equivalente a uma descida social), mas também percebe, em sentido oposto, algo que dela se eleva, aparecendo destacado da imaginação do senso comum. Não por acaso, as qualidades de Gaúcho capazes de chamar a atenção do escritor são exatamente aquelas, segundo ele, ausentes nos frequentadores da “livraria e do jornal” (“ausência de hipocrisia”, “coragem de afirmar” etc.). A “firmeza” do homem que não se incomoda em ser apresentado a Graciliano como “ladrão” se contrapõe também à própria instabilidade do escritor, que ao longo das *Memórias* alterna entre acreditar e desacreditar no alcance social de seu trabalho, diante da árdua tarefa de deixar uma obra minimamente capaz de contribuição estética e política. Nesse sentido, a predisposição para o encontro com o arrombador tem algo de “aproximação dos homens simples” (pois o escritor não verá Gaúcho exatamente como os demais criminosos) não no sentido pejorativo, populista, mas de reconhecimento de uma realidade que permitirá ao escritor contrapor “valores” os quais, embora possam lhe parecer (e efetivamente parecerão) socialmente distorcidos, poderão colocar sob uma nova luz algumas de suas antigas crenças.

A narrativa de Graciliano revela, a partir do “estudo” da individualidade alheia, sua busca por afastar, na medida do possível, os traços ficcionais que poderiam se interpor a uma caracterização precisa – sem frágeis especulações baseadas em seus próprios valores – de homens cujas vidas estavam ligadas ao crime. Nesse sentido, a simpatia mútua entre Graciliano e Gaúcho leva-os a manter conversas frequentes, permitindo que o escritor consiga separar seu interlocutor dos demais criminosos:

Logo no segundo ou terceiro encontro o arrombador me fez esta observação curiosa:

-Vossa mercê usa panos mornos comigo, parece que tem receio de me ofender. Não precisa ter receio, não; diga tudo: eu sou ladrão.

-Sim, sim, retuquei vexado. Mas isso muda. Lá fora você pode achar ofício menos perigoso.

-Não senhor, nunca tive intenção de arranjar outro ofício, que não sei nada. Só sei roubar, muito mal: sou um ladrão porco.

Diversos indivíduos corroboravam esse juízo severo, ostentavam desprezo à modesta criatura...Tentavam enganar-nos, talvez enganar-se, mentiam, queriam dar a impressão de realizar trabalho perfeito. Não se misturavam com os indivíduos comuns, e o natural expansivo do escrunchante os exasperava. Obtive lápis, papel, comecei de novo a tomar notas, embora fosse quase certo jogá-las fora.

-Ó Gaúcho, perguntei, você sabe que eu tenho interesse em ouvir suas histórias?

-Sei. Vossa mercê vai me botar num livro.

-Quer que mude seu nome?

-Mudar? Por quê? Eu queria que saísse o meu retrato.

Logo se esquivava, humilde, engrandecia os talentos de alguns companheiros... (RAMOS, 2008, p.451-452).

Vemos que entre o escritor e o ladrão há o gosto comum pelas narrativas (“você sabe que tenho interesse em ouvir suas histórias?”). Por isso, em certa ocasião o arrombador decide lhe narrar uma fuga que teria realizado em Fernando de Noronha. Inicialmente, Graciliano considera o relato um tanto inverossímil:

Em seguida referiu-se a evasão de Fernando de Noronha, mas havia nela sérias dificuldades, e não me seria possível hoje reproduzi-la. Esqueci quase tudo. Essa história não me despertou muita curiosidade, talvez por encerrar um lance romanesco, façanha incompatível, parece-me com a natureza do meu amigo. Supus que a fantasia dele houvesse forjado o caso, pelo menos grande parte do caso estranho. Em geral aqueles homens devaneavam, enxertavam pedaços de sonho na realidade. Afasto o juízo temerário, concebo alguma verdade na proeza de Gaúcho. Enfim as narrações dele articulavam-se com rigor (RAMOS, 2008, p.504).

A atitude do escritor com relação à narrativa um tanto ficcional de Gaúcho passa da reprovação inicial à aceitação: “Incongruente. Mas quem não é incongruente? Não havia em Gaúcho sinal de mentira...”, (RAMOS, 2008, p.505). Ao supostamente procurar a “resposta” na fala do criminoso por meio da introdução do “literário”, o autor evita incorrer no erro do discurso sociologizante e mantém a tradição da “investigação” aos moldes do seu romance. De certo modo, esse aspecto inconclusivo se deve tanto à simpatia do escritor por Gaúcho como ao próprio papel deste enquanto narrador uma vez que, não podendo naturalmente analisá-lo em ação, o escritor teve que contentar-se com as histórias de seu “amigo”. Se o bandido enxerta “pedaços de sonho na realidade”, mas, de um modo geral, consegue “articular” com rigor suas narrações, o seu relato “romanesco” assume algum valor de verdade e o “exagero” é visto como uma espécie de verossimilhança interna aos propósitos da narrativa.

Assim percebemos que, por meio do relato da convivência entre escritor e bandido, Graciliano não só procura afastar-se de certas crenças e preconceitos arraigados como também conduz o assunto na direção do fazer literário, de modo a indiretamente questionar e justificar sua própria maneira de construir narrativas.

## Conclusão

Nas *Memórias* Graciliano evita decididamente a vaidade de contar suas agruras a partir do alto, como quem se vangloria de qualidades hipotéticas. Essa atitude lhe dá certa autoridade humilde para enveredar pela exploração dos mais diferentes caracteres e colocá-los em relação a si próprio. Dessa conjunção surge uma narrativa de profundo autoquestionamento, na qual se recupera o processo de formação do sentido, que não se concentra apenas na figura individual, mas, partindo dela, vai se ampliando até tomar a dimensão de verdadeiro testemunho da história de uma época.

Nessa operação de escavar e exumar o passado, a perspectiva do presente aparece ora na confirmação, ora na refutação de pontos de vista antigos. Com isso, Graciliano impede o tom conclusivo sobre a experiência vivida, de modo que boa parte da responsabilidade na criação de sentido cabe ao leitor, o que revela indiretamente certo intuito político de sua obra. Elencando suas próprias contradições – sabidamente persistentes ao momento da escrita – o autor consegue mostrar não apenas sua personalidade, mas atinge um notável grau de generalização sobre a condição do

intelectual brasileiro de sua época, o que tem implicações até nossos dias, ajudando a manter, desse modo, a força do relato das *Memórias*.

## REFERÊNCIAS

- ANTELO, R. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhida. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EdUSP, 2006.
- CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006b.
- \_\_\_\_\_. *Tese e antítese*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006c.
- CAREY, J. *Os intelectuais e as massas*. Tradução: Ronald Kyrmse. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. 4 ed. São Paulo: EdUSP: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.
- GARBUGLIO, J. et al. *Graciliano Ramos*. Coleção escritores brasileiros: antologia & estudos. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- KONDER, L. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LIPPI, L. et al. *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da revolução de 30*. Rio de Janeiro: FGV, 1980.
- MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIRANDA, W. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EdUSP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.



MORAES, D. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MOTA, C. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

RAMOS, G. *Infância*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

\_\_\_\_\_. *Memórias do cárcere*. 44 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTIAGO, S. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SARTRE, J.P. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução: Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SCHWARZ, R. *Que horas são?: ensaios*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SELIGMANN-SILVA, M. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

SODRÉ, N. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

*Data de submissão: 11/10/2013*

*Data de aprovação: 03/11/2013*